

POÉTICAS DO CORPO: FLUXOS PERFORMÁTICOS DE INTIMIDADES (RE) INVENTADAS.

Williana da Silva Maciel¹, Raquel de Melo Versieux²

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo discutir a videoperformance *Aparelho vivo feminino* e a performance *Fluxo em fluxos* produzida no projeto de pesquisa PAIRAR PAISAGEM E PRÁTICA ARTÍSTICA no ano de 2018. A produção de visualidade na Arte Contemporânea emerge e tende para territórios híbridos, onde diversas possibilidades visuais tornam-se possível. A paisagem e o corpo. O corpo e a performance. A performance e a intervenção urbana. Exploramos as múltiplas formas de existência da paisagem e entendemos o corpo feminino como um corpo potente capaz de traçar novos enredos e novas provocações visuais. As vivências práticas da pesquisa formam alicerces em trânsito de rompimentos e construções de paisagens. O corpo da mulher tramando histórias.

Palavras-chave: Arte Contemporânea. Paisagem. Videoperformance. Performance. Corpo Feminino.

1. Introdução

Dialogamos com os conceitos de natureza e as diversas formas de existência da paisagem, entendendo-a como um corpo em sua essência. Assim, a paisagem passa a ser impulsionadora de criação, na medida em que é colocada como substância investigativa que ultrapassa os significados do que pode ser apreendido apenas como natureza. Buscamos entender o corpo como parte desse todo, e como essa paisagem é sentida e atravessada por esse mesmo. A paisagem e o corpo perpassam um misto de territórios, construindo narrativas híbridas e mestiças. O corpo é a possibilidade latente e reflexiva do processo artístico, é nele que encontramos o indistinto e o distinto, o absurdo discursivo sobre a origem e toda a história da Arte. O corpo é nosso vulcânico espírito, é nele que encontramos feixe de memórias e silêncios que embalam as diversas facetas da paisagem.

Partimos da ideia de corpo e paisagem para produzir a videoperformance *Aparelho vivo feminino* e a performance *Fluxo em fluxos*. Fazemo-nos vivos através de nossos órgãos, é nele que encontramos toda a potência de existência do nosso corpo. O útero é o maior órgão que compõe o sistema reprodutor feminino da maioria dos mamíferos, incluindo os seres humanos. Ele está localizado próximo da bexiga e do reto, ou seja, no interior da pelve. O tecido muscular que compõe e se faz a existência desse órgão em sua maioria é um tecido liso. As camadas de composição são o endométrio que é uma camada vascularizada que nos possibilita o ciclo menstrual, o miométrio que é a camada média que fica depois do endométrio, e o perimétrio é a camada mais extensa e é formada em sua grande parte por uma membrana *serosa*.

1 Universidade Regional do Cariri, email: williaanasilva@hotmail.com

2 Universidade Federal do Cariri, email: raquel.versieux@urca.br

XXI Semana de Iniciação Científica da URCA

05 a 09 de novembro de 2018
Universidade Regional do Cariri

Vivenciamos enquanto mulheres cisgênero o ciclo menstrual mensalmente, que tem em média 28 dias e que passa por três fases: a fase folicular, a fase ovulatória e a fase luteínica. Na videoperformance *Aparelho v i v o* feminino o útero e os ovários são os agentes performáticos produtores de ações. O corpo está em constante diálogo com a câmera. A câmera invade vagina adentro. O movimento dos órgãos internos vai criando impressões na câmera videográfica. Durante muito tempo acreditou-se que o órgão feminino (o útero) era o responsável pela doença histeria. O útero era considerado um bicho que se move dentro do corpo e que as mulheres cisgênero por possui-lo não controlava seus instintos. A prática performática de está em um consultório médico com as pernas abertas e uma câmera penetrando a vagina nos fala dos avanços científicos realizados a respeito do corpo feminino. A linguagem do corpo e a linguagem do vídeo se contaminam e se fundem no que chamamos de videoperformance. As imagens internas de um corpo (os órgãos) poderia então na contemporaneidade ser um tipo de paisagem? O trabalho em questão vem provocar e tencionar os limites de corpo, paisagem, natureza e consciência.

O corpo feminino ao longo da história da humanidade foi sujeitado a toda uma cultura de repressão e tabu. A performance *Fluxo em fluxos* é um trabalho que vem problematizar a ideia de menstruação na sociedade ocidental. Uma mulher toda de branco em seu segundo dia de menstruação sai de casa com o fluxo menstrual escorrendo livremente sobre a roupa, não há absorvente e nem coletor. Vive o cotidiano normal de sua casa e do centro da cidade de Juazeiro do Norte-Ceará. O silêncio é máquina mortífera que atravessa os ciclos menstruais das mulheres, o ciclo escorrendo livremente sobre a roupa rompe com silêncio, e as vozes pulsantes tomam de conta das ruas, dos olhos e dos corpos. O sangue que deixa a macha sobre a roupa faz com que as pessoas interajam de modo direto com o corpo que está performando e intervindo no espaço urbano. Para Regina Melim “A participação do espectador diante da reavaliação do objeto era imprescindível, estabelecendo ao artista a condição de um propositor de ações, que seriam levadas a termo pelo espectador-participador.” A participação das pessoas nas ruas com a mulher performando provoca configurações outras no movimento e na paisagem do centro da cidade. Interferir no espaço urbano é interferir em nós enquanto sujeitos habitantes e produtores desse espaço. O espectador-participador é também sujeito produtor de visualidade.

Os dois trabalhos passam por as fases que compõe o ciclo menstrual feminino. O primeiro se dá na fase folicular e o segundo na fase lutéa. Um deles se configura no corpo de maneira internamente e o outro externamente. O corpo é o suporte e a matéria para nossa produção artística. A paisagem e os corpos estão consumados a se fundirem enquanto coisas orgânicas existentes no mundo. Em nosso grupo de pesquisa PAIRAR estamos desenvolvendo trabalhos diversos, em que partimos da paisagem, associada a procedimentos das Artes Visuais para darmos formas e materialidades a visualidades contemporâneas.

2. Objetivo

Pretendemos explorar formas outras de construções de paisagens no campo das Artes Visuais. Buscamos o corpo feminino enquanto suporte para

XXI Semana de Iniciação Científica da URCA

05 a 09 de novembro de 2018
Universidade Regional do Cariri

realização de obras artísticas (acreditamos no poder do corpo da mulher e na potencialidade que ele pode ter enquanto imagem) buscamos trazer questionamentos de como o corpo é sujeitado a várias situações de violência ao longo da vida. O corpo feminino é também um lugar político, que fomenta discussões sociais que estão no nosso cotidiano. O corpo aqui em questão soa em forma de vida, de grito, de natureza, de existência e de resistência. Produzimos arte para gerar sensibilidades e ruídos ao nosso redor. Acreditamos que produções visuais significam e resignificam nossa visão de mundo, ela potencializa a vida. Alargar territórios e tencionar fronteiras é necessário, acreditamos que arte faz parte e é de todos os seres humanos. O corpo que se encontra em “estado de performance” interfere enquanto visualidade no cotidiano das pessoas. A intervenção urbana e a performance. A tecnologia e o corpo. A paisagem é a substância da vida, participa enquanto cultura/natureza das enunciações artísticas. Sensibilizar olhares, provocar emoções.

3. Metodologia

Utilizamos de encontros coletivamente, na qual a paisagem torna-se o eixo norteador para pensarmos nossas pesquisas e produções teóricas e práticas no campo das Artes Visuais. É por meio da paisagem e da poética individual de cada pessoa que compõe o grupo que movemos nossos trabalhos artísticos. Efetuamos visitas de campo no centro da cidade de Juazeiro do Norte-Ceará, na Chapada do Araripe (nas regiões de Crato e de Santana do Cariri). Em nossos encontros, as ideias e as discussões se dão de forma coletiva e colaborativa com todas as pessoas que compõe o projeto de pesquisa PAIRAR PAISAGEM E PRÁTICA ARTISTICA e o grupo de pesquisa PAIRAR. Partimos do conceito e da noção de paisagem trazida pela Anne Cauquelin no seu livro “A Invenção Da Paisagem”, da escrita de artistas trazida por o livro “Escritos de Artistas: Anos 60/70” que Glória Ferreira e Cecília Cotrim compilaram e organizaram. Dos conceitos de performance que Roselee Goldberg nos apresenta em seu livro intitulado a “A Arte da Performance”. Acreditamos que a arte é um território expandido, e que a performance e a videoperformance associada aos conceitos de paisagem podem nos trazer informações poéticas potentes. Utilizamos-nos de materiais e suportes como a câmera fotográfica, o corpo humano, filmadoras, papéis para efetuarmos desenhos. Pretendemos continuar com as produções de cunho teórico e prático dentro da pesquisa e expandi-las para outros espaços/territórios. Afinal, vivemos em um mundo onde a visualidade é algo muito importante.

4. Resultados

O útero é órgão das gerações, das transfigurações, das mutações. Esse órgão teria então funcionalidade de uma existência própria? O útero assim como o coração e o pulmão são parte do corpo e do pensamento, ou melhor, o útero é uma consciência visível do corpo. O pensamento inanimado- o útero é um órgão que pensa junto com o corpo e que é o próprio corpo. O corpo feminino é um dos pontos de partida para execução dos dois trabalhos aqui em questão (Aparelho v i v o feminino e Fluxo em fluxos). Tivemos algumas dificuldades para efetuarmos a videoperformance, a princípio não estávamos conseguindo uma clinica médica que disponibilizasse essas imagens para o

XXI Semana de Iniciação Científica da URCA

05 a 09 de novembro de 2018
Universidade Regional do Cariri

paciente depois que o exame (a transvaginal) acontecesse. Muitas clínicas se negaram a nos dar as imagens em forma de vídeo. E relatavam que esse tipo de vídeo só é disponibilizado para o paciente quando a mulher se encontra grávida. O intuito não era captar imagens de um feto, era obter imagens dos órgãos internos de uma mulher cisgênero. A videoperformance tem duração de 5 minutos e 10 segundos. Nele podemos vê as dimensões do útero e dos ovários.



Aparelho v i v o feminino, videoperformance, 2018.

A performance Fluxo em fluxos aconteceu na região central da cidade de Juazeiro do Norte-Ceará e teve duração de duas horas. Toda vestida de branco uma mulher se locomovia vivendo o seu cotidiano normalmente, entrando em lojas, olhando produtos de “beleza”, comprando coisas e pagando contas em uma casa lotérica. O sangue menstrual escorria livremente, não existia nada que prendesse o sangue nesse momento. Da vagina escorria aquele corpo vermelho e fluía até manchar a roupa. As pessoas começaram a interagir no percurso em que a performance ia acontecendo. As pessoas reagiram à imagem da mulher com a roupa com o sangue menstrual em vista de diversas formas.



Fluxo em fluxos, performance, 2018.

Os gritos e avisos eram constantes. Os sussurros e o silêncio. O rosto com expressão de espanto tomava conta dos rostos em vista. Um corpo de

XXI Semana de Iniciação Científica da URCA

05 a 09 de novembro de 2018
Universidade Regional do Cariri

uma mulher menstruada no centro cidade desconfigurou a paisagem urbana por um tempo. Um corpo em “ estado performático” intervindo na cidade.

5. Conclusão

Vejo o corpo como lugar possível para criação de novas narrativas visuais, circunscrevemos discursos dissidentes provocadores de paisagens outras. Transmutação do corpo. O corpo é paisagem e a paisagem também é corpo. O debruçar sobre o corpo feminino permanece confinado a pesquisa e a política de memórias estruturantes de uma sociedade- o corpo feminino é paisagem que sacode as transmissões das viagens inabaladas e extrai uma unidade política explosiva dentro da própria arte. Acreditamos que produzir arte é extremamente importante, principalmente quando percebemos que uma onda fascista está tomando conta do Brasil. À arte nos move e nos emancipa enquanto sujeitos humanos. Os dois trabalhos apresentados aqui captura experiências de vida e reflexões de mulheres artistas-pesquisadoras. Buscamos descortinar profundidades do cotidiano dos corpos femininos construindo narrativas válidas desordenando os vestígios das paisagens “ comuns”. A pesquisa continua em andamento e acena para construções de trajetórias fortes. Que nada nos aprisione, que nada nos desvie; artista não apoia projetos fascista. Somos produtoras de imagens e somos capazes de transitar por lugares inimagináveis. O corpo que é arte. A arte que transborda. O mundo que não se perdeu! Estamos aqui.

6. Referências

CAUQUELIN, Anne. A Invenção da Paisagem. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FERREIRA, Glória. COTRIM, Cecilia (org). Escritos de artistas: 60/70. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

GOLDBERG, Roselee. A arte da performance: do futurismo ao presente. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes (Coleção a), 2006.

MELIM, Regina. Performance nas arte visuais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.